

## **RITA: UMA VOZ FEMININA**

ALMEIDA, Ademária Sales Oliveira – UFCG

O presente trabalho objetiva desenvolver uma análise sobre a personagem feminina no Conto “Rita e o Cachorro” (2005) de Rinaldo de Fernandes, escritor contemporâneo. Quanto à representação da mulher através da literatura, podemos traçar caminhos diferentes a respeito da caracterização e compreensão desta ao longo da história humana, tendo em vista os diferentes modelos de criações artísticas e distintos autores. Como também, cada povo, época e movimento histórico delineiam como essa figura foi percebida, criada e configurada nas páginas da literatura. Desta forma, o estudo será fundamentado em Brait (2006), Candido (2011), Chartier (1990), Rago (2004), Zolin (2009) e (2010) Boberg e Stopa (2012) entre outros que abarcam a mesma perspectiva de estudo. O conto analisado é uma possibilidade para conduzir uma reflexão sobre a alteridade feminina com alunos do Ensino Médio.

### **1. INTRODUÇÃO**

A representação feminina na ficção surge da união entre a ação individual (autor) e as condições sociais, sendo estas intimamente ligadas. A representação acontece a cada momento em que uma terminada realidade é construída, pensada e interpretada. Zolin (2010), afirma que a representação objetiva “tornar uma realidade visível” (p.84). Para complementar Chartier (1990) conceitua representação como um “instrumento de um conhecimento mediato que faz ver o objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de figurar tal como ele é” (p.20).

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é estudar a representação feminina no conto “Rita e o cachorro” (2005) de Rinaldo de Fernandes relacionando com o contexto de ensino, afirmando que este pode ser uma possibilidade para trabalhar em sala de aula com alunos do Ensino Médio a fim de desenvolver discussões a respeito da alteridade feminina.

A proposta deste artigo justifica-se, pois os estudos sobre a representação da mulher na escrita pelo homem ainda carecem de uma abordagem profunda, levando em consideração que o ser masculino também pode representar a mulher sem ferir os preceitos de igualdade, bem como, a literatura de Rinaldo de Fernandes é uma possibilidade para introduzir temas que repercutem na sociedade e precisam ser debatidos em sala de aula.

Nesta perspectiva, o nosso trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: “A personagem”, tópico fundamentado de acordo com Brait (2006) e Candido (2011) que

discorre acerca da personagem, enfocando também os tipos de narrador; “Representação Feminina e alteridade” em que discute conceitos de representação e apresenta uma breve discussão sobre a importância da alteridade baseada em Chartier (1990), Zolin, (2010), Zolin, (2009), Rago (2004), Richard (2002), Paterson (2007); “O Conto “Rita e o cachorro”: uma voz feminina” em que dedica-se a análise focando na personagem Rita e por fim, sugerimos uma proposta didática baseada em Boberg e Stopa (2012).

Para atender aos pressupostos, a metodologia adotada caracteriza-se como sendo de natureza bibliográfica, pois, pauta-se na seleção e organização de referências bibliográficas através de leituras, discussões e anotações, como também, análises interpretativas da obra e proposta didática.

## 2. A PERSONAGEM

De acordo com Brait (2006), as primeiras reflexões acerca do estudo analítico das personagens foram realizadas por Aristóteles. O pensador destacou dois aspectos essenciais para referir-se elas: “a personagem como reflexo da pessoa humana; a personagem como construção, cuja a existência obedece às leis particulares que regem o texto” (p.29). Essas concepções à respeito da personagem vigoraram até meados do século XVIII. No entanto, foi apenas no século XX, que a personagem começou a ser estudada pelos formalistas russos, onde a proposta era desvinculá-la das relações com o ser humano.

Segundo Brait (2006), a construção das personagens só é possível “através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis os seus movimentos”. Desta forma de acordo com Brait (2006), as personagens podem se configurar como planas e esféricas. Quanto à primeira, afirma:

são construídas ao redor de uma única idéia ou qualidade. Geralmente, são definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor. (BRAIT, 2006, p.40-41)

Essas personagens são reconhecidas com facilidade sempre que aparecem e também lembradas pelo leitor, já que não há alteração em seu modo ser. Brait (2006), subdivide as personagens planas em *tipo* e *caricatura*. Quanto a *tipo* são aquelas que alcançam o auge da peculiaridade sem se modificar. As personagens planas caricaturas são aquelas em que sua

qualidade ou ideia única é levada ao extremo, proporcionando uma distorção propositada, geralmente favorece a sátira. Brait (2006), define a segunda da seguinte maneira:

são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, construindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano. (BRAIT, 2006, p.41)

As personagens esféricas nos surpreendem continuamente de maneira persuasiva, se isto não acontece, podemos considerá-las como planas. Esse tipo de personagem é criada pelos escritores para funcionar como ponte para a investigação da complexidade do ser humano. No mundo fictício, as personagens, ao contrário dos acontecimentos verídicos, são nítidas, conscientes e com suas características bem definidas, pois, isto é pré-estabelecido pelo autor.

Nem tudo que o autor escreve podem ser considerado como reflexo de sua personalidade, pois as personagens podem ser cópia fiel de pessoas reais, como também pode ser inventada a partir de um trabalho minucioso do autor e sobre isto, Mauriac afirma que “há uma relação estreita entre a personagem e o autor. Este a tira de si (Seja da sua zona má, da sua zona boa) como realização de virtualidades, que não são projeção de traços, mas sempre modificação, pois o romance transfigura a vida.” (MAURIAC apud CANDIDO, 2011, p.67), ou seja, elas são criadas a partir das ideias do autor, mas estas recebem modificações aptas ao mundo fictício.

O estudo sobre a representação e caracterização da personagem esbarra na classificação de narrador em terceira pessoa e narrador em primeira pessoa. Quanto ao narrador Brait (2006) afirma que trata-se de uma: “(...) instância narrativa que vai conduzindo o leitor por um mundo que parece estar se criando à sua frente” (BRAIT, p. 52 – 53).

O narrador em terceira pessoa é aquele que está de fora dos fatos narrados, ele apenas nos fornece pistas que, ao longo da narrativa, nos fazem reconhecer o perfil de cada personagem. O narrador em primeira pessoa é aquele que participa diretamente dos fatos narrados. A maneira como o narrador em primeira pessoa se coloca pode assumir formas variadas: narrador testemunha e narrador personagem. O narrador testemunha narra acontecimentos dos quais presenciou, mas sem participar diretamente do enredo. O narrador personagem aparece no enredo também como personagem central, podendo se apresentar, no

texto, por ela mesma, ou seja, através de discursos diferentes. Como é o caso do diário íntimo, do romance epistolar, das memórias e do monólogo interior.

Segundo Candido (2011), “O nosso ponto de partida foi o conceito de que a personagem é um ser fictício; logo, quando se fala em cópia do real, não se deve ter em mente uma personagem que fosse igual a um ser vivo, o que seria negação do romance” (p.69). Pois a personagem pode se enquadrar em dois pólos: ou é cópia fiel de modelos existentes ou é uma invenção totalmente imaginária. A personagem é criada, constituída e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita sua existência, desta forma podemos variar relativamente nossa interpretação ao seu respeito. No entanto, segundo Candido, “o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva de existência e a natureza do seu modo-de-ser.” (2011, p.59), sendo assim, temos que atentar cuidadosas as análises, para que não fujam da linha de coerência estabelecida pelo escritor.

### **3. REPRESENTAÇÃO FEMININA E ALTERIDADE**

A representação está diretamente atrelada aos grupos sociais e acontece a cada momento em que uma determinada realidade é construída, pensada, e interpretada. As lutas de representação apresentam tamanha importância assim como as lutas econômicas e as percepções sociais defendidas não se configuram como discursos neutros, estes estão carregados de ideologias sociais e políticas que tendem a questionar realidades maquiadas socialmente atingindo o campo do poder e da dominação.

No campo dos estudos literários contemporâneos e, em especial, dos estudos de gênero, a representação ocupa lugar de considerável importância, isso porque, ultimamente, os estudos da crítica literária têm refletido sobre seu objeto de pesquisa levando em consideração a relação texto-contexto. Partindo deste viés teórico, podemos afirmar que o conceito de representação aponta para várias significações, “entre elas, para o ato de fazer as vozes da realidade representada; ou para o de tornar uma realidade visível, exibindo-lhe a presença” (ZOLIN, 2010 p,184). Na conceituação de Chartier (1990) a representação configura-se da seguinte maneira: “(...) a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver o objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”. (p.20)

A representação literária reproduz o mundo a partir do ponto de vista do (a) autor (a). As obras contemporâneas apresentam novas maneiras de representar, preocupa-se com determinados grupos sociais, especialmente os tratados como marginalizados. Dentro deste jogo representativo, encontramos um narrador homodiegético, isto é, por si só, revolucionário, uma vez que a própria mulher ganha voz e narra, ao invés de ser narrada. Desta forma, resulta em personagens que provoca no leitor inquietação em virtude de seus traços diferenciados. A personagem ganha controle sobre sua própria trajetória, pois a função condutora agora é sua.

A luta por um lugar privilegiado contínua e aos poucos a mulher vai adquirindo espaço e o que se percebe é uma tentativa da literatura em afastar da representação feminina a concepção de inferioridade. Isso não convém apenas para as escritoras, mas também para escritores que cultivam a noção de igualdade, visto que o feminino não busca a superioridade e sim, igualdade. Nesta nova concepção, a mulher é representada com outros interesses, diferentes daqueles por tanto tempo enfocados, referentes ao mundo doméstico e às relações amorosas; (ZOLIN, 2009, p. 223).

O que perpetuou por muito tempo na literatura a respeito da representação literária sobre a mulher foi à imagem de “personagens femininas tradicionalmente construídas como submissas, dependentes, econômica e psicologicamente do homem reduplicando o estereótipo patriarcal” (ZOLIN, 2009, p. 222). Isso mudou, e o que encontramos hoje são personagens femininas totalmente independentes distanciadas do estereótipo da fragilidade.

Segundo Rago (2004), “Ser mulher, no século XXI, deixou de implicar necessariamente gravidez e parto, o que traduz uma enorme ruptura com a ideologia da domesticidade” (p.33). Sendo assim, a mulher ganha outra identidade.

De acordo com as vivências e experiências do sujeito, ele assume identidades diferentes, de acordo com os momentos vividos, adequando-se a cada situação, pois a identidade também pode ser construída de acordo com o pensamento discursivo de cada época. As identidades femininas manifestadas na contemporaneidade apresentam diferenças em relação às construídas nos séculos passados. Desta forma, a noção de representação, “se afasta de sua concepção hegemônica, para significar o ato de conferir representatividade à diversidade de percepções sociais” (ZOLIN, 2010, p.186).

Um dos ideais da representação feminina é liberar a voz reprimida pela dominação. No entanto, nem sempre liberar esta voz é sinônimo de alteridade feminina. Richard (2002) afirma: “liberar esta voz longamente silenciada não implica subtraí-la do campo de tensões

no qual enfrenta” (p.150). A alteridade acontece quando conseguimos compreender o “outro”, quando nos colocamos em seu lugar, seja na literatura, seja na sociedade.

A literatura deve funcionar com um espaço para exploração da Alteridade e Paterson (2007) em entrevista à revista *Aletria* deixa bem claro esta questão:

Como tenho descoberto em minhas pesquisas sobre alteridade, a literatura é um espaço privilegiado para a expressão da outridade. Muito mais do que outras disciplinas, tais como a Música, as Artes Visuais, a Filosofia, e até mesmo a História, é a Literatura que pode representar a questão da alteridade de maneira simbólica e complexa. (PATERSON, p.17 -18)

E isso aos poucos vem se concretizando, pois cada vez mais a literatura contemporânea vem abrindo espaço para o novo, ou seja são os grupos marginalizados que estão sendo exposto e mostrado de acordo com suas particularidades e dentro destes, estar as mulheres, não mais como anjo indefeso, mas assumindo papéis que só eram ocupados por homens, pois eles dominavam os espaços. Essa nova forma de representação da alteridade é muito significativa, pois dá voz às figuras até marginalizadas, “o outro”.

#### **4. O CONTO “RITA E O CACHORRO”: UMA VOZ FEMININA**

Segundo Bosi (1974), seja na atualidade, ou não, o conto sempre irá assumir um lugar privilegiado, pelo fato de apresentar situações que representam a vida contemporânea e isso se confirma quando voltamos nossos olhos para os contos do autor analisado, Rinaldo de Fernandes, pois este representa em seus contos as peculiaridades da vida, coisas que só despertamos a olhar depois de ler alguns contos.

O conto “Rita e o Cachorro” tem como protagonista uma paulistana chamada Rita, que vive numa praia semideserta na Paraíba, a fictícia praia do Pomar. O que inicialmente causa-nos curiosidade é sua opção em deixar a cidade movimentada e escolher morar no litoral paraibano e trabalhar em um restaurante lavando pratos.

Rita vive apenas com seu cão Pet, que tornou-se seu único confidente, pois é justamente para ele que Rita vai narrando de maneira fragmentada, suas histórias vividas em São Paulo, intercalando-as com passagens vivenciadas na praia do Pomar. Em São Paulo sua única companhia era o cachorro Rex.

Rita é uma mulher moderna, ousada, corajosa. Jornalista, ex-revisora de textos, ela é ligada ao mundo da palavra escrita. Uma personagem conflituosa que deixa claro o seu

conflito na convivência com o ex-companheiro e com o gerente do restaurante onde trabalha, os dois são símbolos das dificuldades enfrentadas por Rita na praia do Pomar. O que diferencia Rita é o fato de não aceitar ser dominada, querer ser independente, sendo assim, prefere pagar o preço da solidão a se submeter ao mando masculino.

A personagem Rita faz parte de um modelo de mulheres recorrentes na obra de Rinaldo de Fernandes, ou seja mulheres destemidas, que lutam incessantemente para não ser menosprezada e buscar a cada instante enfrentar a supremacia masculina em nome de sua ascensão pessoal. A esse respeito a pesquisadora Sônia Van Dijk Lima comenta:

(...) Rinaldo dá continuidade a sua experiência de dar voz feminina à narrativa, de modo a trazer para o primeiro plano as angústias e as dificuldades da condição da mulher, que, em uma sociedade marcada pelo masculino, busca afirmação e realização não só profissional e financeiramente, mas sobretudo afetiva e emocionalmente.<sup>1</sup>

Pode-se afirmar que os “diálogos” entre Rita e o cachorro Pet, representam grande importância, pois são através deles que o leitor vai descobrindo os motivos que assolam as lembranças de Rita. Esses acontecimentos não são revelados ao leitor diretamente, são sugeridos em meio as misturas de sentimentos da personagem que fazem com que o passado repercuta no presente.

Pensando na personagem feminina, podemos destacar dois pontos que servirá de âncora para nossa análise: Rita detém o conhecimento da escrita e escreve poemas, contos, relatos e algumas anotações em sua agenda e Rita não aceita a supremacia masculina, por isso sua relação com o gerente do restaurante e com seu ex-companheiro Pedro são conflituosas.

Rita não é qualquer mulher vinda de São Paulo para a Paraíba sem conhecimento. Rita está inserida em um grupo que detém o conhecimento e a partir dele que ela se insere socialmente, ou seja comunga de prazeres que até o início do século XIX não era comum as mulheres.

Rita apresenta-se como uma mulher que escreve, que expressa seus sentimentos por meio da escrita, isso é significativo quando se fala de uma personagem feminina que por trás dela há um autor masculino. Rita conduz a narrativa em primeira pessoa, expressa sua alteridade e registra seus sentimentos por meio de poemas, contos e relatos:

---

<sup>1</sup> Disponível em: [http://rinaldofernandes.blog.uol.com.br/arch2008-10-12\\_2008-10-18.html](http://rinaldofernandes.blog.uol.com.br/arch2008-10-12_2008-10-18.html). Acessado em 16 de agosto de 2014.

Pois eu vou ali escrever um... Sábia que tenho uma agenda bonitinha ? Antigamente eu escrevia poemas, na época em que estava no jornal. Depois passei a fazer uns contos, nos momentos em que me sentia cansada da revisão de textos. Um padre me dizia que eu deveria escrever mais, eu tinha talento. Mas não tinha tanto tempo assim. Acho que escrever precisa disso – de tempo. Tenho relatos, algumas anotações na agenda. Boa parte já aqui. A minha letra ´miúda. (FERNANDES, 2005, p. 103)

Isso demonstra uma evolução por parte do autor em criar personagens femininas. Rita não é apenas uma personagem conduzida por um narrador que decide seu destino, é Rita quem domina o discurso e narra através de monólogo interior, instigada pela calma da praia do Pomar.

O contato de Rita com a escrita não aparece apenas no momento que olhamos para ela como narradora, mas também como uma personagem que era jornalista e tem bagagem acadêmica e que realizava revisões de textos. Percebe-se que Rita apesar de não soltar muitas informações sobre sua vida, aos poucos, pelos detalhes, vamos percebendo que ela configura-se como uma mulher sábia, que conhece as regras da língua portuguesa, se não fosse assim, Rita não realizava um trabalho tão minucioso que é o de revisão de textos.

Outro ponto que é bastante interessante e merece também nossa atenção é quanto à relação da personagem Rita com a figura masculina no decorrer do conto. Inicialmente analisamos a relação de Rita com Márcio o gerente do restaurante. Como Rita caracteriza como uma mulher que não admite se submeter a mandos masculinos, conviver com Márcio e especificamente sendo mandada não lhe agrada, aliás ela não aceita tal situação, como podemos observar no seguinte trecho: “Aí o Márcio se faz de importante, Pet, fica dentro do escritório, emite o cheque. Um cretino, isso ele é. Mas não dou folga, não reclamo, não dou esse gosto pró peste. Quero mais é meu salário no fim do mês” (FERNANDES, 2005, p. 101). Percebe-se que o conflito entre Rita e Márcio se intensifica pelo fato da não aceitação de ser mandada pelo homem, isso lhe incomoda.

Pedro, o ex-companheiro de Rita encontra-se presente na narrativa apenas através dos desabafos dela ao cachorro Pet, no entanto fazemos uma retrospectiva da relação de Rita com Pedro através da sua própria confissão:

Pois o Pedro, Pet, já estava decidido, tinha mesmo que aparecer em minha vida. Pensa aí, esta aqui, com esta estampa, se meter com um peste daqueles! No fim, queria me bater, o pilantra, e ainda me deixou por um... Mas tão bacana no começo,



tanto tesão, há, mas era... Acho que amei o Pedro, Pet. E matei... hum?... o nosso amor...” (FERNANDES, 2005, p. 104).

Notamos que inicialmente a relação amorosa entre Rita e Pedro era agradável, no entanto, a atitude de Pedro em querer bater em Rita provoca um clima de desagradável, pois em hipótese alguma Rita admitiria isso. Em virtude dessa tentativa praticada por Pedro, o trágico é confessado por Rita, a prática de um crime. Rita friamente confessa “Acho que amei o Pedro, Pet. E matei...” Deduz-se como motivo para a prática do assassinato uma suposta traição<sup>2</sup>.

A vingança conjugal, algo convencionalmente atribuído ao sexo majoritário, o masculino, no conto perde essa força. A figura feminina assume esse papel e desmistifica a questão que a vingança conjugal acontece prioritariamente por parte do homem.

No conto “Rita e o cachorro” a personagem feminina ganha voz e domina todas as ações, desde as mais simples, até as mais complexas, mostrando que independente das questões de gênero, a representação feminina pensando numa alteridade autêntica pode acontecer.

## **5. O CONTO “RITA E O CACHORRO”: UMA POSSIBILIDADE PARA DISCURSÕES EM SALA DE AULA.**

As dificuldades que a escola manifesta na mediação da alteridade entre os estudantes são enormes, pois barreiras existem a cada opinião exposta, a cada ato praticado, a cada conflito existente, pois a individualidade, aspecto que caracteriza a contemporaneidade, desenvolve como uma de suas consequências negativas, a intolerância, seja ela, étnica, política, de gênero, entre outras.

Sendo assim, a escola precisa estar por dentro dos diversos desafios, discutindo e aprofundando a ideia da diferença, pois esta necessita proporcionar relações igualitárias. Segundo Molar, (2011) “o campo educacional, mais especificamente, a escola, torna-se o lugar para o qual convergem algumas das tensões expostas pela sociedade, apresentando em

---

<sup>2</sup> Falamos em suposta traição porque no conto o narrador não deixa explícito o que realmente aconteceu. O romance *Rita no Pomar* que dar continuidade ao conto, o narrador deixa claro que Rita assassina Pedro por causa de uma traição.

sua estrutura uma pluralidade que é sentida de modo amplificado no contato permanente e diário entre alunos, pais e funcionários.” ( p.61 - 62)

Desta maneira, o conto “Rita e o cachorro” de Rinaldo de Fernandes é uma possibilidade para ser levado para a sala de aula para discutir com alunos do ensino médio os aspectos da representação feminina levando em consideração a alteridade autêntica e intersubjetiva. Como sugestão para o trabalho em sala de aula, proponho uma sequência básica baseada nos modelos propostos por Boberg e Stopa (2012).

1ª – Motivação: preparar o aluno para a leitura do conto:

Inicialmente, seria interessante que o professor conversasse com os alunos sobre o trajeto das mulheres na sociedade e na literatura, chamando atenção dos alunos para fases preconceituosas que as mulheres já passaram, buscando assim, envolver alunos para o eixo temático. Feito essa sondagem, o professor informa para os alunos que irá trabalhar com o conto “Rita e o cachorro” de Rinaldo de Fernandes.

2ª - Introdução: apresentação do autor e da obra:

Na introdução, que deve ter a duração de uma aula, é interessante que o professor traga algumas informações básicas sobre o autor escolhido. Se o professor optar, é possível fazer uso do site <http://rinaldofernandes.blog.uol.com.br/> para que a apresentação do autor fique mais envolvente.

Cumprida esta primeira parte, pode-se optar ou não por antecipar algumas partes do enredo. Caso queira comentar algo sobre o conto, o professor pode fazer uma pequena síntese da história, mas com cuidado para não expor mais que o necessário para o momento, pois a finalidade do momento é instigar a curiosidade dos alunos.

Realizada essa primeira parte, pode-se dar início à apresentação física da obra e a exploração de seus elementos paratextuais, ou seja, uma leitura das orelhas, capa, contracapa, bem como o prefácio do livro *O perfume de Roberta* (2005) em que se encontra o conto. Depois realiza-se a troca das primeiras impressões e o levantamento de hipóteses acerca do conto, que serão verificadas após a leitura integral do conto.

3ª – Leitura: acompanhamento da leitura:

Nesse momento, seria interessante que o professor entregasse cópias do conto para todos os alunos, ou então projetasse através de slides e na sequência pedisse para que um aluno realizasse a leitura em voz alta, enquanto os outros acompanham silenciosamente.

Na sequência, retoma as hipóteses citadas inicialmente pelos alunos para contrastar com o resultado depois da leitura. O professor também deve instigá-los a relacionar o conto lindo com outros já lidos, ou outra opção que achar viável para a situação.

4ª – Interpretação: construção de sentido do texto

É nesse momento que o professor deve estar por dentro das inúmeras possibilidades de interpretação, bem como fazer as devidas interferências. Neste momento, o professor deve primeiramente escutar as opiniões dos alunos e esperar para ver se eles conseguem atingir as melhores interpretações, sempre atentando para não extrapolar os limites das interpretações.

Neste caso, pretendemos atingir um objetivo: Estudar o conto com alunos do Ensino Médio levando em consideração a representação feminina e alteridade. Sendo assim, é fundamental que o professor discuta o conto atentando para os seguintes aspectos: A narradora é protagonista; A voz do texto é feminina; A personagem Rita está inserida em um meio acadêmico, realizava revisões de diversos tipos de textos, já trabalhou em um jornal e gostava de escrever poemas, contos, relatos e anotações em sua agenda; A relação de Rita com Márcio, gerente do restaurante e Pedro seu ex-companheiro. Para finalizar a aplicação da metodologia, é interessante que o professor peça uma análise escrita levando em consideração os aspectos discutidos.<sup>3</sup>

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que já foi exposto afirmamos que o conto “Rita e cachorro” (2005) de Rinaldo de Fernandes é um ótimo instrumento literário para se pensar, a partir dele, em representação feminina, pois o autor coloca a mulher em primeiro plano, atribuindo-lhe voz e tratando-lhe não mais como um ser indefeso.

Os autores contemporâneos paraibanos precisam ser mais evidenciados pela crítica, haja visto que passamos um bom tempo focados no estudo da crítica voltados exclusivamente para os cânones literários, que também são de extrema importância, mas o meio acadêmico precisa focar mais na questão da literatura contemporânea, bem como deveria ser uma matéria curricular nas escolas de Ensino Médio, pois na maioria das vezes os alunos passam todo o Ensino Médio e não é disponibilizado aulas de Literatura Contemporânea, nem muito menos sobre autores ou autoras paraibanas que tratam de temas tão atuais.

---

<sup>3</sup> Proponho apenas uma simples proposta metodológica para estudo do conto. O professor deve adaptar a sua sala de acordo com a realidade da turma.

Os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio na Paraíba (PARAÍBA, 2006) enfatiza que o estudo da literatura paraibana deve estar presente nos currículos das escolas do estado. Este mesmo documento destaca que a seleção de autores devem evidenciar autores contemporâneos, dentre eles os paraibanos “(...) Sérgio de Castro Pinto, Lúcio Lins, José Antônio Assunção (...) poetas conhecidos nacional, regional e localmente pelos professores e pela comunidade acadêmica” (PARAÍBA, 2006). A citação e especificamente o documento não cita o nome de Rinaldo de Fernandes<sup>4</sup>, mas implicitamente como se trata de autor contemporâneo deve-se levar em consideração suas obras no contexto educacional.

Pensando assim e acreditando que o conto “Rita e o cachorro” (2005) de Rinaldo de Fernandes deve ser levado para a sala de aula, sugerimos neste artigo uma pequena proposta pedagógica tendo como material fundamental o conto “Rita e o Cachorro” (2005) como uma possibilidade para discutir com alunos do Ensino Médio representação feminina e alteridade.

## REFERÊNCIAS

BRAIT, Bert. **A personagem** – 8ª Ed. – São Paulo: Ática, 2006, 95 p. – (Princípios; 3)

BOSI, Alfredo. (org.) Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974. (P. 7).

BOBERG, Hiudéa Tempesta Rodrigues. STOPA, Rafaela. *Leitura literária na sala de aula: propostas de aplicação* – 1ª ed. – Curitiba, PR: CRV, 2012.

CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção** – 12ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011 (Coleção debates; 1 / dirigida por J. Guinsburg)

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações** – 2ª Ed. DIFEL 82 — Difbsao Editorial, S .A., 1990. Tradução de Maria Manuela Garlhado.

LIMA, Sônia Van Dijck. RITA E SUAS HISTÓRIAS Disponível em: [http://rinaldofernandes.blog.uol.com.br/arch2008-10-12\\_2008-10-18.html](http://rinaldofernandes.blog.uol.com.br/arch2008-10-12_2008-10-18.html). Acessado em 16 de agosto de 2014.

MOLAR, Jonathan de Oliveira. A alteridade na educação: noção em construção. Revista NUPEM, Campo Mourão, v.3, n.5, ago./dez.2011 Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/view/59/42>.

---

<sup>4</sup> Rinaldo de Fernandes não nasceu na Paraíba, mas há muito tempo reside em João Pessoa e produz constantemente.

PARAÍBA. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba:** linguagens, códigos e suas tecnologias. João Pessoa, 2006.

PENSANDO O CONCEITO DE ALTERIDADE HOJE. Entrevista concedida por Janet M. Paterson a Sandra Regina Goulart Almeida. (Tradução de Alcione da Cunha Silveira)

**Aletria:** Revista de Estudos de Literatura, - jul.-dez. - v. 16, 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1402/1500>.

RAGO, Margareth. Ser Mulher no século XXI Ou Carta de Alforria. In: A. VENTURI, Gustavo; RECAMAN, Marisol; OLIVEIRA, Suely (orgs.). **Mulher Brasileira nos espaços Público e Privado**. 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

RICHARD, Nelly. **Intervenções Críticas: arte, cultura, gênero e política**. Tradução de Romulo Monte alto. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

FERNANDES, Rinaldo de. **O perfume de Roberta**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 184p.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORI, Mary Del (org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. De textos). **História das mulheres no Brasil**. 10. Ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de gênero e de representação na contemporaneidade. Disponível em: **Letras**, Santa Maria, v. 20, n.41, p. 183-195, jul./dez.2010.

\_\_\_\_\_. Crítica Feminista. In: ZOLIN, Lúcia Osana; BONNICE, Thomas (orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. Ed. Ver. E ampl. – Maringá: Eduem, 2009.